

## MARCAS DE IDENTIFICAÇÃO ÉTNICA DE ITALODESCENDENTES EM CASCAVEL/PR\*

Wânia Cristiane Beloni\*\*

**RESUMO:** *Os imigrantes italianos, além das variedades linguísticas e da cultura, trouxeram e recriaram em território brasileiro alguns valores, tais como a valorização do trabalho e a heroicidade por desbravar novas terras. Essas características são algumas das marcas de identificação desse grupo, assim como a estigmatização que enfrentaram perante a própria forma de falar. Alguns italo-descendentes de colonização sulista que moram em Cascavel/PR discorrem, a partir de entrevistas individuais, por meio da aplicação de um questionário semidirigido, sobre essas marcas históricas, as quais constituem a etnicidade ítalo-brasileira.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Identidade étnica italiana, valorização do trabalho, estigmatização.*

**ABSTRACT:** *Italian immigrants, in addition to linguistic variants and culture, introduced and recreated in Brazil some of their values, such as the appreciation of work and the heroism of venturing into new lands. These characteristics comprise some of the signs of identification of this ethnic group, as well as the stigmatization they suffered due to their own way of speaking. Some Italian descendants whose predecessors settled in the South and who currently live in the city of Cascavel, Paraná State, based on one-to-one interviews, through a semi-guided questionnaire, talked about these historical signs, which identify them as Italian-descendants.*

**KEYWORDS:** *Italian ethnic identity, the appreciation of work, stigmatization.*

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da observação de um grupo de Cascavel/PR, pertencente à comunidade de descendentes de italianos, vindos dos estados sulistas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Muitos italo-descendentes que estão na cidade cascavelense há mais de 30

---

\* Este artigo é parte do resultado da dissertação de mestrado “Um estudo sobre a fala e a cultura de italo-descendentes em Cascavel-PR”, vinculada ao projeto de pesquisa “Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o talian e o português”, aprovado pelo Comitê de Ética da Unioeste, por meio da Plataforma Brasil, com o número de parecer 289.274, no início de junho de 2013.

\*\* Doutoranda em Letras - Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. E-mail: wania.beloni@hotmail.com.

anos fazem parte da história de colonização<sup>1</sup> do município, uma vez que este tem 64 anos.

A colonização do Oeste do Paraná, decorrente da imigração para o Sul do Brasil, é diferente da colonização portuguesa que ocorreu no antigo sistema colonial. Conforme destaca Deitos (2004, p. 41), a colonização do Oeste paranaense “é decorrente daquela ocorrida por ocasião da crise do latifúndio escravocrata datada ainda no século XIX”, a qual, por sua vez, necessitava de mecanismos de sobrevivência dentro da nova ordem do imperialismo.

A maioria dos italianos, ao chegarem ao Brasil, era monolíngue e falava o dialeto da região italiana de origem - *Veneto, Lombardia, Trentino Alto Ádige e Friuli Venezia Giulia* - do Norte da Itália. Como quase 60% dos imigrantes italianos eram do Vêneto, foi o dialeto desta região que prevaleceu entre eles, uma língua franca, “resultante do contato entre os diferentes dialetos italianos e denominada de dialeto vênето, vênето riograndense ou *talian*” (PERTILE, 2009, p. 32), a qual possibilitou a interação entre os imigrantes italianos de diferentes regiões.

Surge, então, nesse contexto, uma nova língua que teve no início função de *koiné*<sup>2</sup>, ou seja, de comunicação entre famílias italianas que tinham modos de falar distintos. Com base no dialeto vênето, as famílias italianas, em um novo contexto, em que se falava português, quando se

<sup>1</sup> A palavra “colonização”, segundo Balhana (2002, p. 266), é utilizada para designar “núcleos de povoamento e produção agrícola” e conseqüentemente o termo “colono” é referido neste trabalho com o mesmo sentido apresentado pela autora, que define colono como um “pequeno proprietário, ou seja, um lavrador independente”, dando um sentido positivo e não negativo, como pode ocorrer popularmente.

<sup>2</sup> “[...] um *koiné* é uma forma de falar compartilhada por pessoas de diferentes vernáculos” (WARDHAUGH apud MONTEIRO, 2000, p. 46).

tornaram bilíngues, acabaram transformando o dialeto vênето. Este sofreu influências do português e assim se transformou em um novo modo de falar, chamado de *talian*.

Também chamado de dialeto vênето brasileiro, o *talian* foi estigmatizado por muito tempo. Pícol (2013) destaca que o falante bilíngue, pela situação social inferior e pela fala com acentuadas marcas de sotaque, sofria uma dupla estigmatização sociolinguística: tanto a fala em variedade italiana como a fala em língua portuguesa denunciam as origens do falante.

Frosi (1998) explica que, desde 1875, quando os descendentes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul, esse grupo passou por quatro períodos. O primeiro foi o da colonização e do desbravamento da mata, marcado pela aculturação e integração na comunidade italiana, sem ter contato, porém, com a comunidade brasileira. Esse isolamento da comunidade italiana proporcionava conseqüentemente a manutenção da variedade linguística, sem interferências da língua portuguesa. Foi nesse período que o dialeto vênето estabeleceu-se como língua franca entre os imigrantes. O segundo período, a partir de 1910, é marcado pela comercialização e industrialização dos produtos agrícolas. Frosi afirma que foi no segundo período que surgiu a *koiné*, uma variedade comum entre os imigrantes, que falavam dialetos distintos. No entanto, na realidade, a *koiné* surgiu no primeiro período, quando as famílias italianas estabeleceram o dialeto vênето como língua franca, considerando que a maioria provinha da região do Vênето. Nessa segunda fase, surgiu, na verdade, uma língua crioula, ou seja, uma variedade minoritária italiana com influências do

português. Foi nesse momento, ainda, que o Estado Novo proibiu o uso das variedades linguísticas dos imigrantes.

O terceiro período é caracterizado pelas migrações internas, na década de 1950, e conseqüentemente a forma linguística dos imigrantes e descendentes de italianos também foi levada para outros estados. Nesse período, dominar a língua de prestígio, ou seja, o português, era sinônimo de ter melhores oportunidades de emprego e conseqüentemente ascensão econômica e social. O português, então, ganhava força nas colônias e o ensino das variedades minoritárias ficava a cargo da família. No quarto período, então, a grande maioria não fala mais a variedade linguística italiana, mas a busca pelo reconhecimento dessa forma de falar é constante. Frosi (1998, p. 166) destaca que junto com o interesse em preservar essa variedade, surgem, então, programas de rádio, festas religiosas e corais “a favor da fala italiana dialetal”.

Picol (2013, p. 288) observa que tempos mais tarde, com as festividades voltadas ao Centenário da Imigração Italiana (1975), ocorre um “retorno às origens étnicas” e características de descendentes italianos, até o momento, vistas como algo inferior (a língua, por exemplo), começam a ser vistas como algo de imenso valor cultural. A partir disso, o *talian* passou a ser valorizado e a ser signo de marca identitária de alguns ítalo-brasileiros.

Além das variedades linguísticas italianas, os imigrantes trouxeram e recriaram em território brasileiro alguns valores, os quais foram repassados para os descendentes, tais como a valorização do trabalho e a heroicidade

por desbravar novas terras. Essas características são algumas das marcas de identificação entre italo descendentes, assim como a estigmatização que as pessoas da faixa etária mais velha e seus antepassados enfrentaram perante a própria forma de falar. O que no início acabou gerando um complexo de inferioridade individual e coletivo, e que se agravou com as medidas do Estado Novo, passou, com o tempo, a ser enfrentado como uma marca de identificação étnica, pois ao serem estigmatizados pelos grupos dominantes, Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p. 7) observam que imigrantes e descendentes, tanto de italianos, como de alemães e japoneses, tiveram uma reação de “solidariedade entre si”.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento da dissertação de mestrado “Um estudo sobre a fala e a cultura de italo descendentes em Cascavel-PR”, foram selecionados 18 informantes, com os seguintes requisitos básicos: ser descendente de italiano de colonização sulista pelo lado paterno, tendo sobrenome italiano; morar em Cascavel há pelo menos 30 anos ou ser nascido no município paranaense. No entanto, para este artigo, serão analisadas respostas de apenas dois informantes (dos 18 entrevistados), uma vez que o objetivo é observar as marcas de identificação étnica por meio de depoimentos sobre as seguintes questões: valorização do trabalho, heroicidade, coibição linguística e estigmatização.

Os informantes foram colocados nas variáveis: faixa etária e sexo. Com isso, foram estabelecidas as dimensões: diassexual e diageracional (GI, 20 a 40 anos; GII, 40 a 60 anos; GIII, mais de 60 anos).<sup>3</sup>

A coleta dos dados obedeceu a três procedimentos básicos: observação participante, entrevista, com uso do questionário semidirigido, e transcrição grafemática, entre os meses de junho de 2013 e janeiro de 2014.

Do questionário aplicado, que conta originalmente com 235 questões, foram selecionadas respostas de algumas questões para que pudéssemos verificar o comportamento dos entrevistados em relação às marcas de identificação étnica:

47. Quem foi o imigrante da família do lado paterno? (pai, avós, bisavós, tataravós, não sabe, não imigrou); 50. Por que veio para o Brasil?; 52. Qual foi o percurso da família até chegar a Cascavel?; 17. Qual foi o motivo que levou a família a mudar para Cascavel; 77. Em que momento você aprendeu a língua italiana? Ou, a portuguesa...; 91. Você sabe de alguma história da família, quando chegaram ao Brasil e a Cascavel? Alguma história curiosa que passou pelo fato de falar italiano?

## IDENTIDADE ÉTNICA

Quando se fala em etnia, em etnicidade<sup>4</sup>, a ideia de descendência ou ancestralidade é a base comum, o que se vincula à noção de cultura e

---

<sup>3</sup> Seguindo princípios éticos da pesquisa científica, os informantes receberam um código. Para designar o sexo adotamos a letra H para homem e M para mulher, na sequência a faixa etária GI, GII ou GIII e em seguida, a, b ou c, para diferenciar os três informantes de cada faixa etária.

<sup>4</sup> “É importante distinguir etnicidade de diferenciação racial. Enquanto esta última ocorre em termos de diferenças físicas que se acredita serem biologicamente herdadas, a diferenciação étnica se dá em termos de diferenças culturais que têm de ser aprendidas” (REX, 1996, p. 282). Apesar de um dos preceitos para fazer parte da comunidade italiana, por exemplo, é ser descendente e ter um sobrenome italiano, essa pesquisa não tem como objetivo abordar questões raciais, mas sim, étnicas.

consequentemente de língua. Quando a descendência é referida, a “etnia” parece estar vinculada mais à questão biológica, como no viés primordialista de pesquisadores da identidade étnica. No entanto, ela pode ser observada de outra maneira, desvinculada da questão biológica e vinculada a fatores situacionistas e de sentimento grupal.

Para Oro (1996), a identidade étnica pode ser observada de duas formas: “primordialista” e “situacionista”.

Para a ótica primordialista a identidade étnica constitui uma realidade inata, congênita, substancial, primordial, pois parte da definição de grupo étnico enquanto uma unidade cultural caracterizada por um certo número de traços objetivos, que são de ordem biológica, territorial, lingüística, econômica, cultural. [...] Para a segunda perspectiva, a situacionista, a identidade étnica se caracteriza por um sentimento de pertencimento grupal baseado na auto-atribuição e atribuição pelos outros (ORO 1996, p. 612).

O antropólogo social da Noruega, Fredrik Barth, um dos que defendem a perspectiva situacionista, a qual é base para esta pesquisa, na obra de Poutignat e Streiff-Fenart (2011), define grupo étnico como formas de organização social. Um grupo, portanto, tem suas regras e rituais. Bottomore (1996, p. 345) deixa claro que um grupo social é um agregado de seres humanos que se relacionam e se compreendem e que cada um, dentro do grupo, “tem consciência do próprio grupo e de seus símbolos”.

Para que exista uma identidade étnica é preciso ter uma diferença, algo que diferencie determinado grupo do restante. A etnicidade vai se formar quando um grupo se encontra em um ambiente interétnico, de diferenças, pois é na interação, “quando as minorias deixam de viver em

colônias” e se confrontam com outros grupos “que suas especificidades culturais tornam-se fontes de mobilização coletiva e que se desenvolve” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 71), o que Gans denominou de “etnicidade simbólica”.

Quando um grupo está inserido em um contexto, em contato com várias culturas, as consciências étnicas e linguísticas afloram. Para que um grupo seja étnico, ele precisa ser diferente do contexto em que está inserido, ou seja, só existe etnicidade quando há heterogeneidade, assim como só existe variação se há um padrão.

As fronteiras (critério de pertencimento e exclusão) de um grupo étnico podem ser as diferenças que mantêm esse grupo vivo. São esses confins que o diferenciam da sociedade geral, do contexto ao redor. Nessa perspectiva, “um elemento cultural, como a língua, o traje ou a religião, poderia funcionar como um delimitador de fronteira e também como elemento de negociação” (BARICHELLO; SANTOS, 2012, p. 191). Nesse sentido, Krug (2004, p. 8) observa que a língua é um dos principais fatores para a determinação de uma identidade étnica e destaca que há resistência dos falantes em manter a língua do grupo, “considerando o tempo transcorrido desde o início da imigração” e que “surpreende a resistência” de alguns grupos em determinados contextos.

Essa resistência pela substituição do português mostra como um grupo luta pela manutenção linguística das variedades minoritárias e conseqüentemente pela preservação das fronteiras étnicas, o que caracteriza um grupo étnico-linguístico.

Para Barth (2011), assim como para Krug (2004, p. 12), a identidade étnica não é estável, não nasce pronta e debilitada com o indivíduo. Rosa, Damke e Von Borstel (2011, p. 5) reiteram que a construção da identidade “não é algo pronto e acabado”. Damke (1998) salienta que a identidade não surge da noite para o dia e que não é construída unicamente pelo berço e pelas relações familiares, mas sofre um processo de construção e modificação constante.

Quando um grupo, no entanto, mesmo tendo traços étnicos semelhantes ao do contexto ao redor, reconhece-se como pertencente a um determinado grupo, não importa se não são parecidos, pois se eles se assumem como A, em contraposição ao conjunto B da mesma ordem, eles desejam ser tratados e “querem ver seus próprios comportamentos serem interpretados e julgados como de As e não de Bs” (BARTH, 2011, p. 195). Sendo assim, a perspectiva situacionista, em que a identidade étnica se individualiza por um sentimento de pertencimento grupal, faz com que o grupo se mantenha e se sustente.

## UMA ANÁLISE DE MARCAS DE IDENTIFICAÇÃO ÉTNICA

### A valorização do trabalho e a heroicidade

A formação histórica de uma comunidade contribui sobremaneira para que um grupo se identifique etnicamente e continue ou não a manter ou preservar suas raízes. As comunidades italianas, no Brasil, passaram por

períodos de estigmatização, em que marcas negativas transformaram-se, com o tempo, em fatores positivos que reafirmaram e reafirmam a identidade étnica do grupo.

A valorização do trabalho e a heroicidade do imigrante europeu em desbravar novas terras fizeram com que descendentes de italianos se orgulhassem e se aproximassem. Muitos deles, ainda hoje, buscam se identificar com seus antepassados, heróis desbravadores de novas terras. Manfroi (1987, p. 185) discorre sobre a situação dos imigrantes quando aqui chegaram e por quais motivos o imigrante acabou sendo visto como um herói:

O abandono inicial, o isolamento, a falta de estradas e meios de transporte imprimiram um caráter de heroicidade ao trabalho dos imigrantes italianos do Rio Grande do Sul e de seus descendentes. Durante muitos anos, sofreram as consequências dessa situação. Mas, lentamente, a Serra Geral foi transformada pelo trabalho constante e persistente desses pioneiros (MANFROI, 1987, p. 185).

Zanini observa, porém, que desde a travessia, a identidade do imigrante começou a ser figurada como um desbravador:

A travessia, como um marco iniciador da identidade do imigrante, tornou-se, historicamente, a passagem que possibilitou a construção mitológica do colonizador, do desbravador, do herói, daquele que trouxe a civilidade, progresso, desenvolvimento e riqueza ao Novo Mundo (ZANINI, 2006, p. 65).

A autora explica que, para a maior parte dos informantes de sua pesquisa, a travessia simbolizava não apenas um momento de ruptura, mas também o desejo de uma nova situação de vida, um momento carregado de

sentimento e que denota acima de tudo “a coragem dos antepassados”. Zanini constata com seu estudo, que, no entanto, cada família reelabora sua própria história e constrói a imagem do antepassado imigrante. O que se faz é romantizar a biografia dos antepassados e “tornar bela, romântica, marcante e inesquecível esta passagem é agora uma tarefa que os descendentes tomam para si” (ZANINI, 2006, p. 66).

Dentre os aspectos da visão do descendente italiano sobre sua cultura e sua língua, destaca-se o heroísmo dos antepassados no processo de imigração e na conquista de novos espaços, conforme relato a seguir:

HGIIIc - A bisavó que veio com cinco filhos, dentre eles o meu avô. O meu avô foi o imigrante. [Mas ela veio sozinha? O marido tinha falecido?] O marido tinha falecido, eu acredito que fazia pouco tempo, por isso que eu acho que até resolveram vir embora. Acho que até em função disso... [Corajosa!] Põe corajosa nisso! Ela tinha os filhos grandes tal... Mas ela foi muito corajosa, vir embora com cinco... e olha, se eu não me engano ela deve ter deixado lá duas filhas, o que é pior ainda. Que é uma decisão... Olha, vou te contar! Eu até estou escrevendo o primeiro encontro da família e estou colocando esse fato, né, dela simplesmente vai para um país que não sabe o que que é, não sabe onde vai parar e deixa duas filhas lá. [Devia estar muito difícil a situação lá, né?] Ah! Eu acho que era uma questão de vida ou morte. Uma questão de viver ou não. Uma questão que naquela época era terrível. Não morriam de fome, mas era doença toda hora. Aquelas doenças, febres... Morriam milhares e milhares por dia, coisa triste.

A saga dos imigrantes em todos os momentos, desde a travessia, e nos deslocamentos pelo Brasil, é marcada pela dificuldade e pela luta em formar novas comunidades, assim como em preservar a sua cultura:

HGIIIb - Vieram a procura de melhores condições de vida, de terra, a procura do, como é que diz a música italiana, Mazzolin di Fiori... Vieram pra América

pra isso. E aí chegaram aqui, deram as terras lá em, ali em Garibaldi. Foi feita a doação de, não é doação, eles deram a concessão, por exemplo, José Boschioli. Eu tenho aí a concessão por escrito que nós, que consegui na internet. Eles deram a concessão de uma colônia de terra, só que o estado, naquele tempo, Garibaldi era o nome da comarca e essa comarca doaram pra eles, deram a concessão de uma colônia de terra, de 25.500m<sup>2</sup>, e levaram dez anos para pagar. Depois de dez anos é que eles deram o título definitivo pra eles dessas terras. Então deram nos morros, né. Tiveram que enfrentar tudo que foi dificuldades possíveis e imagináveis. Era um matão sem fim. Tiveram muita dificuldade, ataque de tudo que foi animal que tinha, né. E foram abrindo aquela mataria e acabaram sendo vinicultores, né. E tenho até hoje lá parreiras plantadas pela família Boschioli.

Assim como o informante, Oro ressalta as adversidades que os imigrantes tiveram que enfrentar para sobreviver, tendo o trabalho como fator de identidade:

Para tanto, duplicaram a sua já extraordinária capacidade de trabalho e, para enfrentar e superar a perplexidade causada pelos traumatismos da imigração, foram buscar a força e a coragem nos mais significativos valores da tradição, como a religião católica, a solidariedade social, a língua e o amor ao trabalho (ORO, 1996, p. 620-621).

Nesse sentido, a autora observa que esse discurso é recorrente, na acentuação do sacrifício e do sofrimento dos imigrantes e dos descendentes das primeiras gerações. Ela enfatiza, que, no entanto, por outro lado, isso enaltece sua bravura, “valentia e coragem, para enfrentar, vencer e superar as adversidades” (ORO, 1996, p. 621), o que revela o processo de mitificação do “herói civilizador”. Para Zanini, o trabalho é fator de unidade identitária:

A imagem de que os antepassados trabalharam arduamente (come bestie), exaurindo ao máximo suas possibilidades físicas, está presente no imaginário dos descendentes contemporâneos, para quem, reviver o processo colonizador (em festas, em obras literárias ou pelas canções) é uma forma de honrá-los e de cristalizar acerca deles uma construção de gente trabalhadora e titânica. Sabedores de que foram uma colonização que se manteve e que, superando as dificuldades, fixou-se na terra, faz com que se sintam mais orgulhosos de suas origens italianas (ZANINI, 2006, p. 126).

Muito provavelmente prevaleceu, entre os colonos que chegaram a Cascavel, o sentimento de valentia dos antepassados, pois, assim como eles, desbravaram novas terras e transplantaram sua cultura e modo de vida para o local.

HGIIC - Eles não saíram do Rio Grande do Sul. Eles vieram da Itália, vieram no navio, passaram pelo Rio, desceram em Porto Alegre, passaram por Caxias do Sul, lá permaneceram naqueles galpões de confinamento, de quarentena tal, depois devem ter feito aquele trajeto à pé, à pé, né, por picadas, nem imagino quantos dias devem ter levado pra fazer cento e poucos quilômetros... deve ter sido semanas e se instalaram num lugar onde não tinha casa, não tinha estrada, era só mato.

Descendentes de italianos quando se dirigiram a novas terras, seja para Santa Catarina seja para o Paraná, também enfrentaram dificuldades e se identificam com seus antepassados que chegaram ao Brasil. Para muitos italodescendentes, os ancestrais são um exemplo a ser seguido, assim como Zanini comenta: “O emigrado, aquele que deixou a sua casa e a sua terra natal para conquistar novos horizontes, é considerado pelos descendentes como um corajoso e um exemplo a ser passado por entre as gerações” (ZANINI, 2006, p. 65).

Dentre os informantes mais velhos, é recorrente o sentimento de orgulho em relação à heroicidade do imigrante italiano da família, assim como sua própria coragem de deixar o Rio Grande do Sul para desbravar novas terras brasileiras. As respostas revelam a motivação dos colonizadores em torno da possibilidade de exploração de recursos naturais e, portanto, a existência de condições favoráveis para a sobrevivência financeira e preservação da cultura do grupo.

HGIIIb - Madeira, pinheiros. Ficou algumas indústrias em Palmas, aí eu vim com meu irmão, Alfeo, hoje falecido, aí nós viemos aqui pra Cascavel, compramos terrenos aqui e montamos a primeira indústria de beneficiamento, foi a primeira indústria do gênero aqui em Cascavel. Tivemos isenção de impostos durante cinco anos e depois fomos montando mais serrarias e laminadora e trabalhamos até 1970, com indústria de madeira. Depois foi terminando a madeira, terminando pinheiro e aí começamos, adquirimos terra para agricultura. Na época o Banco do Brasil financiava todo equipamento pra gente iniciar na agricultura, foi o que nós fizemos. Financiamos máquinas, trator, trator de esteira e compramos uma área relativamente boa aqui e foi destocada, foi arrancado o mato que tinha, era quase, era um mato já, já tinha havido, já tinha muito posseiro na época e já era um mato queimado e tal e acabamos de limpar o mato e transformamos em lavoura e então dali pra cá foi, o nosso ramo foi, meu ramo foi lavoura e pecuária. A pecuária, aliás, quando eu morava em Coxilha já tinha lá uma fazenda de campo. Lá em Coxilha nós tinha uma fazenda de campo e lá que eu tive, que aprendi e gostei da pecuária, né. Lidar com cavalo, sempre tive bastante habilidade, né. Vim eu e meu irmão, depois quando encerramos as indústrias lá em Palmas aí veio meu pai, veio o outro irmão, aí ficamos aqui.

A noção do pioneirismo como virtude étnica é uma forma de reconstrução da italianidade em território brasileiro, como Zanini comenta:

O imigrante foi aquele que fez a si mesmo, herói mítico, pioneiro, corajoso e trabalhador. O colono, trabalhador da terra, foi, simbolicamente, o titã que dos terrenos pedregosos fez lavouras, do espaço vazio fez casa, família e civilização.

Essa é a imagem que os descendentes guardam dos pioneiros, a de gente sofredora, abnegada, simples, esforçada, humilde e ambiciosa. Aliás, a ambição, em termos de virtudes étnicas, é uma referência constante herdada dos antepassados (ZANINI, 2006, p. 127).

Essa busca pela própria identidade, de povo heroico e desbravador, ainda é processada, como pode ser observado no depoimento de alguns informantes do sexo masculino da faixa etária mais velha, e tem nas manifestações culturais e na língua elementos que agregam o fator identitário. Há em torno das atividades do dia a dia, do fazer do campo, também a manifestação da identidade do descendente de italiano, como observa Deitos: “Na região oeste do Paraná, o processo de colonização comportou uma característica cultural centrada na valorização do trabalho” (DEITOS, 2004, p. 40). O autor, em sua tese, discorre sobre a contribuição do discurso religioso em torno da valorização do trabalho. A igreja, ressaltando essa característica no imigrante, contribuiu, assim, para que os grupos se fortalecessem e continuassem investindo na formação da comunidade.

Pode-se notar que, juntamente com a valorização do trabalho e da heroicidade, os descendentes de italianos carregam marcas, assim como Zanini observa acima, “de gente sofredora, simples, esforçada, humilde e ambiciosa”, o que pode estar interligado, ainda, com a repressão linguística e o preconceito que enfrentaram em território brasileiro.

## **Coibição linguística e estigmatização**

Outro fato histórico que marcou a comunidade italiana no Brasil foi a coibição linguística. A repressão política sobre os grupos minoritários e línguas de imigração no Sul do Brasil, durante a fase ditatorial do governo Vargas, deixou marcas profundas na história da comunidade italiana. A Propagação de Nacionalização do Estado Novo (1937-1945) proibia importar livros estrangeiros, assim como falar e ensinar línguas estrangeiras a menores de quatorze anos.

O uso da língua portuguesa passou, naquele período, a ser obrigatório em todos os setores da sociedade por imposição do poder político-administrativo. Ficou, assim, oficializado que nas escolas não se poderia mais falar língua estrangeira, como também não haveria mais publicações de periódicos nessas línguas e, em público, as pessoas só poderiam se expressar em língua portuguesa. É claro que as medidas eram mais assíduas em relação às populações originárias dos países contra o Brasil na guerra, no caso, Itália e Alemanha. “Dessa forma a repressão instaurada durante a fase ditatorial do governo Vargas, sobre as comunidades coloniais do sul do Brasil, tornou o fato de ser italiano, ou alemão, um crime passível de punição” (CORSETTI, 1987, p. 381).

Sobre a preservação da língua, destaca-se o período de proibição, conforme relatado a seguir:

HGIIIc - Como nasci próximo da cidade os vizinhos já falavam português. Então era, por causa daquela proibição, da segunda guerra também alguma coisa, então já se falava muito português. Então eu posso te dizer, até os seis, sete anos, até a infância se falava italiano. Mas a escola, a igreja, as bodegas, quando você ia

comprar, ia buscar, então você já usava muito o português e já era uma condição diferente falar português. Não que não se falava italiano, mas se procurava falar o português até em função de uma sequência de trabalho, de escola... Mas nós nunca abandonamos o italiano, nunca. Até hoje, junto com as famílias nós falamos. [Você já falava as duas então, antes de ir pra escola?] Já falava as duas...

Esta marca negativa, no entanto, transformou-se, com o tempo, em fator de preservação da cultura e da língua, de solidariedade de grupo, e em identificação étnica. Depois do fim da guerra, como se pode perceber já na fala do informante, a escola já não era mais a mesma, pois esta havia crescido nas mãos de professores que falavam português. A situação tornava-se complexa no ambiente escolar, pois, conforme destaca Luzzatto (2000), se as crianças “não soubessem português, os demais as chamavam de gringos, por isso todas as famílias queriam que seus filhos falassem português” (LUZZATTO, 2000, p. 18).

A estigmatização foi outra marca fixada sobre a comunidade de italianos. Imigrantes e descendentes de italianos sofreram com o preconceito perante sua forma de falar. Inicialmente, essa estigmatização acabou gerando um complexo de inferioridade individual e coletivo, o que piorou com as medidas do Estado Novo. Sendo assim, por muito tempo os pais preferiam não ensinar a variedade italiana aos filhos, como Colognese observa: “Por muitos anos o seu uso foi desaconselhado pelos próprios pais, por constituir uma dificuldade para a integração dos filhos na sociedade brasileira” (COLOGNESE, 2004, p. 158). Ele frisa, ainda, que por isso o dialeto era mais utilizado pelos adultos apenas em ambiente familiar.

Ao serem estigmatizados pelos grupos dominantes, Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p. 7) observam que imigrantes e descendentes, tanto de italianos, como de alemães e japoneses, tiveram uma reação de “solidariedade entre si”, o que talvez tenha sido instintivo e de autodefesa.

Há também destaque com relação ao preconceito da origem étnica, como é possível observar a seguir:

HGIIIb - Essa perseguição por causa da língua a gente sempre levou na época, a gente se ofendia na época quando chamava a gente de gringo. Então os brasileiros, os caboclos chamavam a gente de gringo. Era pejorativo. Desde guri, eu ia para o grupo escolar, então era tudo brasileiro e eles me chamavam de gringo. [E se alguém te chamasse de gringo hoje, você se ofenderia?] Hoje não, hoje eles chamam até o americano de gringo também, né. Até não sei qual é o significado de gringo. Chamar um americano de gringo, qual é o significado? Depende qual é o objetivo que se quer atingir, né? Depois, com a segunda guerra, veio a perseguição, aí por motivos políticos, por causa da guerra, né. Mas era assim... e, por exemplo, chamar o alemão de alemão batata, o alemão não gostava que dissesse isso. Não sei se era porque eles gostam de batata o que que era. Mas assim, meio pra debochar dele, né. Pra atingir.

O processo de estigmatização também está ligado à questão socioeconômica. Quando se considera que a maioria dos imigrantes de italianos que chegaram ao Brasil era composta por agricultores, analfabetos, configura-se um cenário propício para o preconceito. Rovílio Costa (1996, p. 261) apresenta um quadro com porcentagens de 100 casais italianos estabelecidos na I Léngua de Colônia Caxias, entre 1875-1878, com base no *Registro dos Imigrantes do Núcleo Colonial de Nova Palmira: 1875-1879*. Destes 100 casais, 50 esposos sabiam ler, e os outros 50 eram analfabetos. Entre as mulheres, apenas 21 eram alfabetizadas, e o restante, 79, eram analfabetas. Sendo assim, “percebeu-se que a alfabetização não é

[era] algo comum entre os imigrantes” (COSTA, 1996, p. 262). O frade enfatiza, ainda, que entre os alfabetizados, deve-se considerar que poucos ultrapassavam a “mera soletração”. Segundo o autor, “O analfabetismo é, também, um dos indicadores do estado de privação social e cultural em que vivia a família italiana por ocasião da grande emigração europeia” (COSTA, 1996, p. 262). Os dados, citados como exemplo, mostram também que, na época, os homens tinham mais privilégio intelectual e que as mulheres eram privadas do estudo. Esses dados talvez indiquem o porquê da preocupação maior da mulher pelo estudo e pela língua padrão, como afirmam os sociolinguistas.

Após o período de repressão, descendentes de italianos acabaram tornando-se mais discretos em suas vivências culturais, segundo Zanini. Ela explica, ainda, que eles foram, até certo ponto e interesse, adquirindo hábitos e costumes da sociedade regional e nacional.

A alcunha de gringos, que muito os incomodava (e ainda incomoda), passou a se tornar corriqueira como designativo pejorativo pelo qual os nacionais denominavam os descendentes de italianos, fossem colonos ou não. Gringo grosso, gringo rude, gringo mão-de-vaca, gringo ladrão, gringo bebedor de vinho, gringo comedor de polenta, gringo sujo foram algumas das representações sociais que tomaram vida nos anos de contato pré e pós Estado Novo, tornando-se denominações carregadas de preconceito (ZANINI, 2006, p. 197).

No entanto, Frosi, Faggion e Dal Corno descrevem que a estigmatização, uma marca negativa, transformou-se em positiva, em “lealdade étnico-linguística” (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 9).

Assim, além da heroicidade, da valorização do trabalho e da estigmatização que se tornou em atitude positiva, as relações afetivas e emocionais também influenciam nessa busca, principalmente entre os informantes da faixa etária mais velha do sexo masculino, os quais buscam se identificar como um grupo étnico e continuam estabelecendo fronteiras étnicas, tanto por ações culturais quanto por meio da preservação da variedade linguística italiana.

## CONCLUSÃO

A história e a saga desse grupo étnico podem ser descritas como elementos determinantes para a realidade registrada no Sul do Brasil e em Cascavel/PR. Ao se fixarem no Rio Grande do Sul, muitos dessa comunidade de imigrantes tornaram-se colonos proprietários de terra e desenvolveram uma identidade diferente daquela dos imigrantes que se instalaram em São Paulo, por exemplo. Além da repressão e da estigmatização, que influenciaram alguns imigrantes e descendentes de italianos a abandonarem a variedade linguística minoritária, a solidariedade entre o grupo étnico, o saudosismo e outros fatores emocionais contribuíram para que determinado grupo, dentro da comunidade de descendentes, se identificasse e se solidarizasse.

Em Cascavel, algumas manifestações sociais são expressões de fronteiras étnicas, marcas de identificação italiana, assim como os sobrenomes dos descendentes. No entanto, os valores da comunidade, tais

como a valorização do trabalho, assim como as dificuldades que seus antepassados enfrentaram, fazem com que o grupo se identifique além da constituição de uma comunidade de fala.

## REFERÊNCIAS

BALHANA, Altiva Pilatti. *Un Mazzolino de Fiori*. v. I. WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

BARICHELLO, Cesar Augusto; SANTOS, Julio Ricardo Quevedo dos. Grupos étnicos italianos, religiosidade e negociação de identidades na região central do Rio Grande do Sul. *Revista Sociais e Humanas*, Santa Maria, v. 25, n. 2, p.189-198, jul.dez. 2012.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução: Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

BOTTOMORE, Tom. Grupo. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

COLOGNESE, Silvio Antonio. *Associações étnicas de italianos: identidade e globalização*. São Paulo: Itália Nova, 2004.

CORSETTI, Berenice. O crime de ser italiano: a perseguição do Estado Novo. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). *Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987.

COSTA, Rovílio. A família italiana da área agrícola do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). *A Presença Italiana no Brasil*. v. III. Porto Alegre; Torino: EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

DAMKE, Ciro. *Variação lingüística e a construção do sujeito*. In: JELL Jornada de estudos Lingüístico e Literários. Marechal Cândido Rondon-PR. 1998.

DEITOS, Nilceu Jacob. *Presença da igreja no oeste do Paraná: a construção do imaginário católico (1930-1990)*. Porto Alegre, 2004. 250 p. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FROSI, Vitalina Maria. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2. ed. MAESTRI, Mário (Coord.). Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998. p. 158-167.

\_\_\_\_\_; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educus, 2010.

KRUG, Marcelo Jacó. *Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de imigrante - RS*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

LUZZATTO, Darcy Loss. *Dicionário talian-português*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

MANFROI, Olivio. Italianos no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). *Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ORO, Ari Pedro. “Mi son talian”: considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto. *A presença italiana no Brasil*. v. III. Porto Alegre: EST, 1996.

PERTILE, Marley Terezinha. *O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto*

Uruguaí gaúcho. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

PICOL, Greyce Dal. *Novo perfil linguístico dos falantes bilíngues da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul: mudança dialetal e mescla linguística*. Web-Revista Sociodialetto. v. 3. n. 9. Campo Grande, 2013. Disponível em: <<http://sociodialetto.com.br/edicoes/14/01042013030842.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014>

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução: Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

REX, John. Etnicidade. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ROSA, Eliane Kreutz; DAMKE, Ciro; VON BORSTEL, Clarice. *Língua/cultura como fator de pertencimento identitário*. In: 14ª Jornada Regional e 4ª Nacional de Estudos Linguísticos e Literários. Marechal Cândido Rondon-PR. 2011.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: UFSM, 2006.